

CONDICIONANTES DO TEMPO NAS VIDAS DOS CÉSARES DE SUETÓNIO

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO
(Universidade de Coimbra)

Abstract: Suetonius' *Caesars* reflect the changing of perspective towards historical records: the Republican year (used as reference in the *Annales*) is substituted by the emperor's time of life. So, as used to be done with the narrative of the Republican year, the most important moments (especially the emperors' birth, acclamation or death) were determined by presages. In that way the emperors are somehow inserted in the sacred History of Rome. And if we except the narrative of ascension towards the power and death, in what concerns the emperors' timetable Suetonius does not respect chronology. When the biographer makes out descriptions of achievements and behaviours, he prefers the gradation of the *exempla* following an ethical perspective.

Key-words: Suetonius. Latin biography. *Twelve Caesars*. Emperors' historical and narrative timetable.

Ao adaptar a biografia às vidas dos imperadores, Suetónio reflecte as novas tendências da história política dos começos do império. Mesmo o historiador Tácito admite que, devido às mudanças políticas, a historiografia se vê obrigada a enveredar por novos rumos. Queixa-se de que, por ignorância ou por alheamento em relação às decisões políticas, por adulação ou por ódio aos chefes, não se fazem registos para a posteridade (*Hist.* 1.1). Além disso, num império pacificado e consolidado, a falta de matéria grandiosa da antiga historiografia (guerras, destruição de cidades, destituição de reis, lutas sociais) levam os historiadores a tratar

assuntos menos nobres (*Ann.* 4.32-33), que eram objecto da biografia¹. Porque os tempos mudaram, os *Annales* — género tradicionalmente consagrado ao registo dos feitos políticos da Roma republicana —, baseados na rotação anual dos cônsules, já não se adequam ao período de governação. A eleição dos magistrados, essencial durante a República, perde importância face à aclamação do *princeps*, que se mantém no poder por um tempo que só o *fatum* pode determinar. Além disso há que contar com a tendência para a sucessão dinástica.

Ao começar as *Vidas* pela de Júlio César², Suetónio coloca a tónica na mudança de regime político (que trata, assim, desde as primeiras causas) e na sua verdadeira natureza. O conquistador da Gália aceita honras desmesuradas: consulados contínuos, a ditadura para toda a vida, a prefeitura dos costumes, o *praenomen* de *Imperator*, culto divino (*Iul.* 76.1) — uma concentração excessiva de poderes, inaceitável para a mentalidade romana tradicional, que conduzirá aos Idos de Março, mas que, no essencial, corresponde às prerrogativas dos futuros césores. Octávio adoptará habilmente o título de *princeps*, mais enquadrado na tradição republicana, mas Suetónio prefere centrar-se no facto de a República não ter sido restaurada (*Aug.* 28.1), sem, contudo, censurar Augusto pelo facto conservar para si o poder. O biógrafo aceita o novo regime como facto inquestionável, uma nova ordem (*nouus status*) para governo do mundo (*Aug.* 28.2).

Enquanto o senador Tácito escreve *Annales* e *Historiae*, reservando a biografia para Agrícola, pertencente à oposição senatorial, Suetónio, cavaleiro e funcionário imperial, faz corresponder a história recente de Roma a unidades de tempo constituídas pela vida de cada imperador e, numa escala maior, pelas dinastias. Por isso, o biógrafo situa com precisão o nascimento, a aclamação e a morte do príncipe (rubricas habituais da biografia), mas mostra-se vago, ou mesmo desrespeitador da cronologia, na narração dos acontecimentos e realizações de cada principado.

¹ Vide GIUA, M. A. 1990: 544-559. Uma versão mais reduzida deste artigo e com uma estrutura e objectivos diversos foi publicada in FAUSTO, R. e MARNOTO, R. (coord.) (2006), *Tempo e ciência*, Lisboa, Gradiva, 233-250.

² Plutarco escreveu *Vidas* de oito imperadores, de Augusto a Vitélio, de que só restam as de Galba e Otão; Tácito começa pela ascensão de Tibério.

O tempo histórico assume uma dimensão religiosa quando é regulado por presságios. Através destes, o passado cumpre-se no presente e factos presentes permitem a previsão do futuro. Daí a importância atribuída à arte divinatória, manifesta na valorização de determinadas coincidências³. Por exemplo, o nascimento de Tito é situado três dias antes das calendas do *insignis annus* da morte de Calígula (*Tit.*1), recorrendo a uma cronologia forçada e contraditória⁴, para, assim, acentuar a substituição do *monstrum* por um imperador considerado *amor ac deliciae generis humani*. Mais dramáticas se apresentam as coincidências na *Vida* de Nero, que recebe a notícia da revolta da Gália no mesmo dia em que, anos atrás, mandara assassinar a mãe (*Nero* 40.4), e morre no mesmo dia em que outrora Octávia (a esposa) fora executada por sua ordem (*Nero* 57.1).

Os próprios príncipes são considerados bons ou maus segundo o crédito que prestam aos presságios⁵. Tais fenómenos são inseridos nos momentos fulcrais da vida, em que a cronologia tem, de facto, importância para o biógrafo: sobretudo o nascimento, a chegada ao trono imperial e a morte, mas também o momento de envergar toga viril, do primeiro consulado ou outros marcos relevantes para cada *Vida*.

Os imperadores são seres situados no tempo e integram-se numa sucessão previamente determinada, por vezes há vários séculos. As listas de prodígios relacionam-se com duas fases opostas e determinantes: por

³ É considerado *praesagium insequentis casus* o facto de Galba ter exercido o consulado entre o do pai de Nero e o do pai de Otão, tal como depois ele mesmo sucedeu a Nero no poder e foi substituído por Otão (*Gal.* 6.1). Também Cláudio nasceu em Lugduno no mesmo dia em que, pela primeira vez, foi dedicada a Augusto uma ara naquela cidade (*Cl.* 2.1) em 10 a.C. Tito Lívio (*Per.*139) situa a dedicação do altar em 12 a. C, mas SIMPSON, C. J. 1987: 586-592, tende a dar crédito ao rigor do biógrafo e prefere imputar o erro a Tito Lívio, às suas fontes ou ao *epitomator*.

⁴ Na verdade, Calígula foi morto a 24 de Janeiro de 41 d.C. e Tito nascera a 30 de Dezembro, mas de 39 (como sugere a informação de *Tit.* 11). Vide MARTINET, H. C. 1981: 6-7; LEVI, M. A. 1954: 288-289. Além disso, Tito toma Jerusalém no dia do aniversário da filha (*Tit.* 5.2).

⁵ Vide DELLA CORTE, F. 1967: 55-76. Para este autor, a religiosidade presente nas *Vidas dos Césares* pode ser uma homenagem à política de Trajano e dos primeiros tempos de Adriano.

um lado, a ascensão ao governo do império e por outro, a perda do poder⁶. Augusto, Galba ou Vespasiano, segundo os presságios apresentados⁷, estão há muito tempo fadados para a sua missão. Estes representam o início de três ciclos diferentes na história de Roma Imperial. A chegada destes imperadores coincide com a realização daqueles sinais, indicando que o tempo se completou. A repetição de fenómenos reforça a ideia da predeterminação de um acontecimento. Os presságios preanunciam o facto e o facto confirma os presságios. Depois de se realizarem, presságios e facto são interpretados em conjunto⁸.

A concepção e nascimento do fundador do principado são acompanhados de diversos sinais do futuro poder, numa perspectiva messiânica. Um prodígio ocorrido em Roma anunciava o advento de um *rex* para o povo romano (*Aug.*94.4); o momento da concepção é marcado pela intervenção divina de Apolo, materializada na união de Ácia com uma serpente (*Aug.* 94.4)⁹; a hora do parto, segundo o pitagórico P. Nigídio, especialista em astrologia, pressagia um *dominus terrarum*, facto confirmado pelos sacerdotes trácios, que, ao derramarem vinho sobre os altares, num bosque consagrado a Baco (*Liber Pater*), obtiveram chamas tão altas¹⁰ como só acontecera com Alexandre (*Aug.* 94.5.)¹¹. Tal predestinação é confirmada por muitos outros prodígios ocorridos na infância (*Aug.* 94.6-9), na altura em que enverga a toga viril (94.10), no regresso de Apolónia, para reclamar a herança de César, e no primeiro consulado (*Aug.* 95) – momentos fulcrais da vida que pressupunham a consulta dos auspícios.

Também a *Vida* de Vespasiano, fundador da dinastia flávia, apresenta variados prodígios ligados ao nascimento (*Ves.* 5); ao tempo em que era edil (*Ves.* 5.3); à altura da viagem à Grécia, no séquito de Nero

⁶ Vide WALLACE-HADRILL, A. 1984: 191-192.

⁷ *Aug.* 93.1ss; *Gal.* 9.2; *Ves.* 4.5.

⁸ Vide VIGOURT, A. 1993: 135-136.

⁹ Esta lenda é um topos da concepção divina de vários heróis, entre os quais Alexandre Magno, cuja mãe teria também sido visitada por uma serpente durante a ausência do marido: cf. Plutarco, *Alex.* 2.6-3.2. Vide MARTIN R. 1991: 329-330.

¹⁰ ... *ut supergressa fastigium templi ad caelum usque ferretur*. Usamos o texto da edição de IHM, M. 1908.

¹¹ Além disso, o lugar onde nasceu e a casa onde foi criado tornam-se locais sagrados (*Aug.* 5-6).

(*Ves.* 5.5); à sua missão na Judeia (*Ves.*5.6); aos últimos dias de Nero; ao segundo consulado de Galba; à batalha de Betríaco, entre os partidários de Otão e de Vitélio (*Ves.* 5.7). A luta pelo poder é secundada por novos prodígios, ocorridos em Alexandria (*Ves.* 7.1), e de actividade taumatúrgica – cura um coxo e de um cego (*Ves.* 7. 2-3) – que inserem Vespasiano numa perspectiva messiânica.

Os presságios do *imperium* são também numerosos na *Vida* de Galba¹² e fazem dele um predestinado desde criança: é o próprio fundador do principado que lhe anuncia o poder supremo¹³. Mas os sinais indicam também que só chegará ao trono em idade avançada, constatação que leva Tibério a não o tratar como um possível rival¹⁴. Um dia em que o avô de Galba fazia um sacrifício, o facto de uma águia (símbolo de Júpiter) lhe ter arrebatado das mãos as entranhas da vítima e as ter levado para um carvalho (árvore consagrada a Júpiter) carregado de glandes foi interpretado como sinal de que o poder soberano seria dado à sua família, mas numa época tardia. O gracejo do avô, incrédulo perante tal vaticínio – ‘*sane*’ *inquit* ‘*cum mula peperit*’ («pela certa – disse ele – quando uma mula tiver parido») –, transforma-se em novo presságio,

¹² Dezasseis, entre os de elevação e de queda do príncipe, como nota GASCOU, J. 1984: 447-450.

¹³ um dia em que (*puero*) fora saudar Augusto, este, segurando-lhe a bochecha, diz: *kai; su; tevknon th=° ajrch=° hJmw=n pratrwxh/* («também tu, meu filho, hás-de provar do nosso poder») (*Gal.* 4.1) . É significativo que Suetónio atribua ao fundador do principado um presságio que tanto Tácito (*Ann.* 6.20.2) como Dión Cássio (57.19.4). O verbo de fecho (que significa ‘saborear de passagem’, ‘mordiscar’) e o partitivo *th=° ajrch=° hJmw=n* sugerem que a consumação do poder será efémera. Além disso, Suetónio coloca na boca de Augusto as últimas palavras de César ferido de morte: *kai; su; tevknon* (*Jul.* 82.3). De facto, Galba, ao liderar a revolta contra Nero, irá provocar a queda do último impe-rador da família júlio-cláudia. Vide ARNAUD, P. 1998: 61-71.

¹⁴ *Sed et Tiberius, cum comperisset imperaturum eum uerum in senecta: ‘uiuat sane’, ait, ‘quando id ad nos nihil pertinet’* (*Gal.* 4.1). Cf. Dión Cássio, 57.19.4.

confirmado pelo parto de uma mula, na altura da preparação da revolta contra Nero¹⁵.

Também Tibério, Cláudio, Otão e Tito contam presságios que lhes asseguram o império¹⁶.

Outra série importante de presságios anuncia a morte dos imperadores e este grupo está presente em todos sem excepção¹⁷. Onde a contagem decrescente do tempo, marcada por presságios, se torna mais dramática é no relato das mortes violentas. Vale a pena determo-nos nas mais significativas. Os Idos de Março tornam-se uma data simbólica, notabilizada pela morte de César. A aproximação daquele dia é sugerida com notações temporais cada vez mais precisas. *Paucos ante menses*, é descoberta, no túmulo do fundador de Cápua, uma *tabula aenea* com uma inscrição que previa a morte do ditador e o castigo dos assassinos, à custa de duras penas para a Itália (*Jul.* 81.1)¹⁸. *Proximis diebus*, os cavalos que César consagrara ao rio Rubicão recusam alimento e choram copiosamente¹⁹; e o harúspice Espurina previne-o contra um perigo que não iria além dos idos de Março (*Jul.* 81.2). *Pridie autem easdem Idus*, várias aves perseguem até à cúria de Pompeio e despedaçam uma carriça (cujo nome latino, *regaliolus*, evoca *rex*) que leva um ramo de louro no bico. *Ea nocte, cui inluxit dies caedis*, César sonha que voa sobre as nuvens e aperta a mão de Júpiter²⁰. Também Calpúrnia sonha que desaba o tecto da casa e que o marido é apunhalado no seu regaço. Este sonho é acompanhado de um facto inesperado (introduzido por *subito*): as portas do quarto abrem-se espontaneamente²¹. Quando César está quase decidido a ficar em casa por causa dos presságios (*ob haec*) e de uma indisposição, Décimo Bruto,

¹⁵ Recordado das palavras do avô, Galba toma como *laetissimus* tal fenómeno, que outros esconjuravam como *obscaenus*: *Gal.* 4.2. Cf. Dión Cássio, 54.1.3. Já César procurava voltar os presságios a seu favor: cf. *Jul.* 59.

¹⁶ Cf. *Tib.* 14; *Cl.* 7; *Otho* 4.1; *Tit.* 5.1-2.

¹⁷ *Jul.* 81; *Aug.* 97; *Tib.* 74; *Cal.* 57; *Cl.* 46; *Nero* 46; *Gal.* 18; *Otho* 8.3; *Vit.* 9 e 18; *Ves.* 23.4; *Tit.* 10.1; *Dom.* 15.2-3, 16.1; 23.2.

¹⁸ 'Quandoque ossa Capyis detecta essent, fore ut illo [ou Iulo, edd.] prognatus manu consanguineorum necaretur magnisque mox Italiae cladibus uindicaretur'.

¹⁹ Esta é a única referência a estes animais.

²⁰ Também Calígula tem um sonho semelhante *pridie quam periret* (*Cal.* 57.3).

²¹ Cf. Plutarco, *Caes.* 63; Dión Cássio, 44.17.

homem da sua confiança, exorta-o a prosseguir – tornando-se adjuvante no cumprimento do destino –; e César sai *ferre hora quinta* (última marca temporal). A necessidade de cumprir o destino é assinalada pela nota de que, no caminho, alguém²² lhe entrega um bilhete a revelar a conjura, mas ele junta-o a outros papéis para ler mais tarde. Nos sacrifícios preparatórios da reunião, César imola diversas vítimas, mas não consegue obter presságios favoráveis – nem podia conseguir sob pena de haver incoerência²³. Tal contrariedade não indicia, à partida, morte, mas o biógrafo nota que ele entra na Cúria desprezando os avisos (*spreta religione*), o que está de acordo com o cepticismo do ditador (*Jul.* 59). Irónico é também o facto de César troçar de Espurina, que o havia precavido contra o fatídico dia. Perante a acusação de impostura, «pois os idos de Março aí estavam sem nenhum perigo para ele», o adivinho respondeu «que tinham realmente chegado, mas não tinham passado»²⁴. A contagem do tempo, cruzada com os vários sinais que se sucedem, expressa a finitude humana e a trágica incapacidade de lutar contra o destino.

Também a lista dos prodígios anunciadores da morte de Calígula inclui fenómenos semelhantes, em que estão presentes quer Júpiter quer o simbolismo dos Idos de Março e do nome Cássio (um dos principais cesaricidas). O elenco começa com prodígios anteriores, sem indicação de tempo, mas vagamente situáveis no ano 40 d.C., pelas referências históricas que implicam²⁵ (Calígula foi morto a 24 de Janeiro de 41): uma gargalhada emitida pela estátua de Júpiter Olímpico (*Cal.* 57.1), que Calígula quisera trazer para Roma, para lhe substituir a cabeça pela sua (*Cal.* 22.2); um sonho de um tal Cássio, no qual recebe a ordem de imolar um touro a Júpiter; uns raios que atingem, nos Idos de Março, o capitólio de Cápua e o local da guarda do palácio imperial (*cella atriensis*)²⁶; o aviso, feito ao

²² Segundo Plutarco, *Caes.* 65, foi Artemidoro de Cnidos, mestre de Letras Gregas (embora diga também que, segundo alguns autores, se tratava de outra pessoa, pois Artemidoro fora impedido de se aproximar de César).

²³ Como nota VIGOURT, A. 1993: 140.

²⁴ *Jul.* 81.4: *Dein pluribus hostiis caesis, cum litare non posset, introit curiam sprete religione Spurinnamque irridens et ut falsum arguens, quod sine ulla sua noxa Idus Martiae adessent: quamquam is uenisse quidem eas diceret, sed non praeterisse.*

²⁵ Vide VIGOURT, A. 1993: 134-135.

²⁶ O segundo raio é interpretado como um perigo da parte dos guardas; o primeiro é considerado prenúncio de um importante assassinio, como o que fora

imperador pelo astrólogo Sula e pelas *Fortunae Antianae*²⁷, de que deve precaver-se contra um Cássio (*Cal.* 57.3)²⁸. Com uma indicação mais precisa, é situado na véspera da morte (*pridie quam periret*), um sonho do próprio Calígula, em que Júpiter o empurra com os pés e o precipita na terra. Por último, o biógrafo refere casos fortuitos, ocorridos no próprio dia do assassinio (*illo ipso die paulo prius*), e que foram considerados pressagos: durante um sacrifício, Calígula foi aspergido com o sangue de um flamingo; o pantomimo Mnester dançou a mesma tragédia que fora recitada nos jogos em que Filipe da Macedónia foi morto; uma cena do mimo apelidado *Laureolus* resultou particularmente sangrenta devido ao empenho dos actores secundários; e estava a ser preparado para a noite um espectáculo de assunto ligado ao mundo dos infernos, representado por actores egípcios e etíopes (*Cal.* 57.4).

Logo que Galba atinge o poder, os prodígios começam a anunciar o seu fim²⁹. Já durante o caminho para Roma, Galba é inundado de sangue de um touro ferido pelo machado³⁰ e é quase ferido com uma lança de um soldado. Ao entrar em Roma, e depois no Palácio, é acolhido por um

perpetrado no mesmo dia (*Cal.* 57.2). Na trad. de AILLOUD, H. 1931-1932, identifica-se a *cella Palatini atriensis* com o «santuário de Apolo guardião do palácio» erigido por Augusto (cf. *Aug.* 29.3). Tal hipótese é contestada em GUASTELLA, G.

1992: 291-292, por, além do mais, não se adequar à interpretação transmitida pelo biógrafo: *altero ostento periculum a custodibus domino portendi*. Ligado a Cápua estivera também um presságio da morte de César (*Jul.* 81.1).

²⁷ Suetónio defende, contra outras fontes, que Gaio nasceu em Âncio (*Cal.* 8).

²⁸ Na mira de contrariar o destino, comete o erro involuntário de emitir a ordem de matar Cássio Longino, governador da Ásia (para 40-41 d.C.), sem se lembrar de que Quérea (tribuno da guarda pretoriana) também era Cássio. Cássio Longino era descendente do homónimo que se contava entre os assassinos de Júlio César (cf. Dión Cássio 59.29.3).

²⁹ *Gal.* 18.1: *Magna et assidua monstra iam inde a principio exitum ei, qualis euenit, portenderant*. Nenhuma outra fonte regista estes presságios. Vide DELLA CORTE, F. 1967: 58-59.

³⁰ É considerado muito mau sinal se a vítima escapava meia morta (cf. *Jul.* 59): presságio semelhante leva Vitélio retroceder para Roma quando se dirigia para Mevânia (Tácito, *Hist.* 3.56.1-2). Ficar sujo do sangue da vítima era ainda pior: cf. *Cal.* 57.4.

tremor de terra³¹. E a divindade tutelar, a Fortuna, de quem Galba, ao assumir a toga viril, recebera a protecção através de um sonho³², vem retirar-lhe o favor, através de outro sonho (*Gal.* 18.2). Os sinais vão-se acumulando até ao último dia: a coroa cai-lhe da cabeça durante um sacrifício nas calendas de Janeiro; as aves fogem durante uns auspícios; no dia da adopção (do destinado sucessor), os servos esquecem-se de colocar a cadeira castrense diante do tribunal, para Galba arengar aos soldados; a cadeira curul aparece colocada ao contrário no senado; na manhã do dia em que foi morto (*prius uero quam occideretur sacrificantem mane*), harúspices avisam-no da proximidade do perigo (*Gal.* 18.3). A continuidade da dinastia, tentada através da adopção de Pisão, revela-se impossível.

A morte de Domiciano torna-se mais dramática porque o imperador, ao conhecer a data e a hora da morte, por informação dos astrólogos (*Chaldaei*) e do próprio pai, Vespasiano (*Dom.*14.1)³³, vive os últimos momentos em sobressalto (*Dom.* 14.2.)³⁴. A contagem do tempo é fulcral no relato desta morte, anunciada por uma série de prodígios, que manifestam a cólera de Júpiter³⁵: nos oito meses seguintes (*continuis octo*

³¹ Terremotos eram sempre considerados pressagos, como nota Plínio, *Nat.* 2.200: *nunquam urbs Roma tremuit ut non futuri euentus alicuius id praenuntium esset.*

³² Esta divindade aparece-lhe em sonhos a reclamar hospitalidade diante da sua porta. Ao despertar, encontra uma estátua da deusa à entrada e consagra-lhe uma divisão da casa na propriedade de veraneio de Túsculo (*Gal.* 4.3). Díon Cássio, 54.1.2, coloca este sonho no período da revolta contra Nero.

³³ *Annum diemque ultimum uitae iam pridem suspectum habebat, horam etiam nec non et genus mortis. Adulescentulo Chaldaei cuncta praedixerant; pater quoque super cenam quondam fungis abstinentem palam irriserat ut ignarum sortis suae, quod non ferrum potius timeret.* E, mais à frente, *Dom.* 14.4: *Tempore uero suspecti periculi appropinquante sollicitior in dies porticum, in quibus spatium consuevit, parietes phengite lapide distinxit, e cuius splendore per imagines quidquid a tergo fieret prouideret.* O tema tradicional do tirano inquieto e desconfiado (cf. Plínio, *Pan.* 49; 82) recebe um novo tratamento: o fundamento desta apreensão doentia reside nas predições astrológicas, como afirma BRIND'AMOUR, P. 1981: 338-344.

³⁴ *Quare pauidus semper atque anxius minimis etiam suspicionibus praeter modum commouebatur.* O biógrafo diz que o medo o tornou cruel (*Dom.* 3.2).

³⁵ Vide GASCOU, J. 1984: 790.

mensibus), ressoa grande quantidade de trovões³⁶, que atingem o Capitólio, o templo da *gens* Flávia, o palácio do Palatino e o próprio quarto do imperador; e uma tempestade violenta arranca uma inscrição de uma estátua triunfal de Domiciano e lança-a sobre um sepulcro próximo (*Dom.* 15.2). A própria Minerva, divindade por quem Domiciano tinha grande veneração³⁷, aparece-lhe em sonhos a dizer que lhe não pode conceder mais protecção, porque Júpiter a desarmou (*Dom.* 15.3). Alude-se ainda a um oráculo funesto, com menção de sangue, dado pela Fortuna de Preneste no último ano (*Dom.* 15.2)³⁸.

O biógrafo sugere a aproximação da hora da morte de Domiciano com indicações cronológicas cada vez mais precisas³⁹. São integrados no relato fundamentos de astrologia, colocados na boca do imperador: *ad proximos affirmavit 'fore ut sequenti die luna se in aquario cruentaret factumque aliquod existeret, de quo loquerentur homines per terrarum orbem'*⁴⁰. («asseve-

³⁶ Que levam o imperador a exclaimar: *'feriat iam, quem uolet'* Também Calígula lança palavras de desafio a Júpiter (*Cal.* 22.4). MARTIN, R. 1991: 343-344, sugere que Domiciano manifestava, nos últimos tempos, sinais de paranóia delirante.

³⁷ *Quam superstitiose colebat. Superstitio* exprime habitualmente em Suetónio falsas crenças, religiões alheias, práticas de magia; mas, neste caso, sugere censura do exagero e demasiada exclusividade da veneração por uma divindade do panteão, Minerva: Vide GASCOU, J. 1984: 729 n. 94. A ligação de Domiciano a Minerva (*Pallas Caesariana*) é recordada também por Marcial, 5.2.6-8; 6.10.9-12; 7.1.1-2; 8.1.4; 9.3.10. Dión Cássio, 67.16.1, dá uma versão ligeiramente diferente da de Suetónio.

³⁸ E que anteriormente sempre lhe fora favorável. Também Tibério tivera problemas com este oráculo em contexto muito semelhante: *Vicina uero urbi oracula etiam dis[s]licere conatus est, sed maiestate Praenestinarum sortium territus destitit...* (*Tib.* 63.1).

³⁹ *Pridie quam periret ...; at circa mediam noctem...; dehinc mane* (16.1); *horas requirenti pro quinta, quam metuebat, sexta ex industria nuntiata est* (16.2).

⁴⁰ *Dom.* 16.1. Na opinião BRIND'AMOUR, P. 1981: 338-344, trata-se de um registo póstumo da vida, e da morte de Domiciano, segundo uma visão da astrologia (elaborada por uma fonte competente em matéria de astronomia), que se manifesta várias vezes ao longo da vida, pelo que, na narrativa da vida de Domiciano composta por Suetónio, há uma trama astrológica que pouco a pouco conduz ao seu destino a vida do imperador.

rou aos que estavam próximos que ‘aconteceria no dia seguinte que a lua se cobriria de sangue no signo de aquário e ocorreria algo de que todos os homens falaria por todo o mundo’»).

Como o imperador temia a hora quinta, os conjurados têm de recorrer ao dolo: quando Domiciano pergunta as horas, dizem-lhe que é a sexta. O imperador, que julga passado o momento crítico, afasta os presentes e recebe, sozinho, o assassino (*Dom.* 16.2). Devido à trágica finitude humana, mesmo que se suspeite da hora da morte e se tente fugir à sina, o destino arranja maneira de se cumprir no tempo determinado.

Além dos sinais sobre a vida de cada imperador, o biógrafo dá importância aos do tempo das dinastias. Suetónio, que crê numa intervenção divina na história, sugere claramente, no limiar da *Vida de Galba*, que a família júlio-cláudia tinha prosperado e caído por vontade dos deuses, expressa em *signa euidéntissima* (*Gal.* 1.1). Reportando-se ao momento da fusão dos Júlios com os Cláudios (o casamento de Augusto e Lívia), introduz a história da afortunada galinha branca, com um ramo de louro no bico, que uma águia⁴¹ deixou cair no regaço de Lívia. A galinha tornou-se a matriarca de uma longa prole, e o ramo de louro floresceu até se tornar a fonte dos louros para o triunfo dos césares⁴².

⁴¹ A águia é associada amiúde ao poder supremo: cf. *Aug.* 94.7; 96.1; 97.1; *Tib.* 14.4; *Cl.* 7; *Gal.* 4.2; *Vit.* 9; *Ves.* 5.7.

⁴² Plínio, *Nat.* 15.136-137, diz que são os harúspices que aconselham Lívia a preservar a galinha e a sua descendência e a cuidar religiosamente do ramo. Na opinião de FLORY, M. B. 1988-1989: 343-356, trata-se de uma manobra da propaganda de Augusto para fazer face à hostilidade pública. Segundo Díon Cássio, 41.39.2, também na altura em que Júlio César se preparava para a campanha contra Pompeio, no final de 49 a. C., um milhafre deixou cair um ramo de louro sobre um dos homens que estavam com ele no foro. O prodígio teria inspirado Octávio a imitá-lo uma década mais tarde. Na altura em que Plínio situa o acontecimento — o casamento com Lívia —, Octávio estava em guerra com Sexto Pompeio: um conflito que tinha tornado o herdeiro de César impopular pelo embargo no fornecimento de trigo. O prodígio recorda o de 49 e estabelece-se o paralelismo da situação: tal como César vencera Pompeio, o filho do *Diuus Iulius* vencerá o filho de Pompeio. Além disso, era uma forma de legitimar o casamento com Lívia, que seria escandaloso (Lívia era casada e estava grávida de seis meses) e levantaria rumores, como prova o facto de António encontrar no facto motivo para a sua propaganda. Ora a ideia da vida de um

Observou-se que, por altura da morte de cada imperador, murchavam as pERNADAS que ele tinha plantado e, no ano da morte de Nero, todo o bosque secou e todas as galinhas morreram⁴³. Outros prodígios de simbolismo evidente são introduzidos por *ac subinde*: o templo dos céсарes foi atingido por um raio (*tacta de caelo*), caíram as cabeças de todas as estátuas e o cetro foi arrebatado das mãos de Augusto.

Em continuidade com o início da *Vida* de Galba, no começo da de Vespasiano, Suetónio faz o ponto da situação: à incerteza causada pelos sucessivos golpes de estado de três príncipes (Galba, Otão Vitélio), sucede-se finalmente a *firmitas* oferecida pela família flávia⁴⁴. A oposição entre *diu* e *tandem* traduz o tempo psicológico de dezoito longos meses de guerra civil, entre a morte de Nero (em Junho de 68) e a de Vitélio (Dezembro de 69). Se o livro VII trata de três indivíduos isolados, no começo do livro VIII surge o colectivo *gens Flauia*, que, de algum modo, restaura a *progenies Caesarum* que morrera com Nero. Onde Galba falhou, Vespasiano foi eficaz. Às pretensões de nobreza dos três imperadores anteriores⁴⁵ o biógrafo opõe o contributo efectivo — *suscepit firmaitque tandem* — desta nova família que, apesar da origem humilde, recebe o reconhecimento do estado (*Ves.* 12). Mas, desde logo, o biógrafo antecipa o desenlace final: o castigo que Domiciano merecerá pela sua *cupiditas* e *saeuitia*. Este conjunto de *Vidas* (*Vespasiano, Tito, Domiciano*) é, assim,

homem ou grupo representada pela vida de uma planta ou árvore é comum no folclore romano, desde o *ficus ruminalis* e o cornizo no Palatino, associados à vida de Rómulo, e as aves tinham grande importância na religião romana.

⁴³ Suetónio parece exagerar. Tal afirmação é desautorizada por Plínio, *Nat.* 15.137: ... *traditusque mos est ramos quos tenuerant serendi et durant siluae nominibus suis discretas*.

⁴⁴ *Ves.* 1.1: *Rebellionem trium principum et caede incertum diu et quasi uagum imperium suscepit firmaitque tandem gens Flauia, obscura quidem ac sine ullis maiorum imaginibus, sed tamen rei p. nequaquam paenitenda, constet licet Domitianum cupiditatis ac saeuitiae merito poenas luisse*.

⁴⁵ Cf. *Gal.* 2: *imperator uero in atrio stemma proposuerit, quo paternam originem ad Iouem, maternam ad Pasiphaam Minonis uxorem referret*; *Otho* 1.1: *Maiores Othonis orti sunt oppido Ferentio, familia uetere et honorata atque ex principibus Etruriae*; *Vit.* 1.1: *Extat Q. Elogi ad Quintum Vitellium Diui Augusti quaestorem libellus, quo continetur, Vitellios Fauno Aboriginum rege et Vitelia, quae multis locis pro numine coleretur, ortos toto Latio imperasse*.

determinado por uma contingência no tempo, depois confirmada por presságios, acompanhada, num plano paralelo, de degeneração moral.

A *Vida* de Vespasiano termina com o papel do *fatum* na intenção dinástica (Ves. 25). A crença nas predições astrológicas faz com que Vespasiano se considere a salvo das constantes conspirações⁴⁶, ao ponto de ter a ousadia de afirmar no senado que *'aut filios sibi successuros aut neminem'*⁴⁷ («ou os filhos lhe sucederiam ou ninguém»). Neste contexto se introduz um sonho do imperador, em que este via no seu átrio uma balança: num dos pratos, Cláudio e Nero, e no outro, ele próprio e os filhos. Tal sonho virá a revelar-se verdadeiro, uma vez que uns e outros governaram por igual tempo⁴⁸. Mas, ao delimitar o tempo de governo dos Flávios, o sonho traz também implícita a data do fim da dinastia. Tal como o loureiro que secura pelo ocaso de Nero (*Gal.* 1), também a árvore que se reerguera quando Vespasiano era um cidadão privado (um cipreste: *Ves.* 5.4) se abateu subitamente (*Dom.* 15.2); e, como o templo dos Césares Júlio-Cláudios, também o templo dos Flávios é atingido por uma raio⁴⁹. Mas Nero e Domiciano não representam apenas a queda de duas dinastias: são também o último grau da degradação moral destas famílias. Paradoxalmente, a perspectiva moralizante possibilita um fim optimista para as *Vidas dos Césares* (*Dom.* 23.2):

Ipsum etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone ceruicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorem post se laetioremque portendi rei publicae statum, sicut sane breui euenit abstinentia et moderatione insequentium principum.

⁴⁶ Vide MARTIN, R. 1991: 341. *Assiduas in se coniurationes* parece exagero do biógrafo. A única que conhecemos é a de 79, protagonizada por A. Cecina Alieno e Éprio Marcelo.

⁴⁷ Cf. Díon Cássio, 66.12.1. Díon fala de um só filho, pelo que é possível que o plural *filios sibi successuros*, em Suetónio, seja uma alteração da época de Domiciano, não acolhida pelo historiador grego; vide CESA, M. 2000: 98.

⁴⁸ *Ves.* 25: *Nec res fefellit, quando totidem annis parique temporis spatio utriusque imperauerunt*. Também Tito dirá que o império é dom do *fatum* (Tit. 9.1).

⁴⁹ O paralelismo é evidente: *Gal.* 1: *Ac tacta de caelo Caesarum aede*; *Dom.* 15.2: *Tactum de caelo Capitolium templumque Flauiae gentis*. Vide GASCOU, J. 1984: 778.

«Contam que o próprio Domiciano sonhou que uma giba de ouro lhe nasceria por detrás da nuca, e teve como certo que prognosticava, para depois dele, um estado mais feliz e mais próspero, tal como efectivamente aconteceu em breve, graças ao carácter desinteressado e moderado dos príncipes que se lhe seguiram».

O anunciado período de felicidade é operado e confirmado através da superioridade moral dos *principes* seguintes, cuja actuação se pauta pela *moderatio*, no que respeita à aceitação de honras e ao uso da repressão, e *abstinentia*, sobretudo no tocante aos bens dos súbditos. Mas aqueles (Trajano e Adriano) são os imperadores à sombra dos quais Suetónio faz carreira até cair em desgraça⁵⁰, por volta de 122 d.C.

Verificamos que, entre os vários sinais que indiciam a iminência dos grandes acontecimentos, ganham relevo as experiências oníricas. Suetónio toma os sonhos muito a sério até na sua vida particular⁵¹. Tal como acontece na tradição épica e trágica, os sonhos podem prenunciar graça e prosperidade, ou, pelo contrário, o castigo e o fim do favor divino.

A toada moralizante do sonho de Domiciano está de acordo com a forma como o biógrafo organiza o tempo do discurso. A tarefa do biógrafo é verificar o modo como cada César se adequa ao modelo ideal e cumpre a sua tarefa. E tal abordagem é realizada mediante a avaliação das qualidades do carácter. Por isso, enquanto o historiador Tácito tende a estabelecer uma oposição moralista entre a virtude do passado e a decadência do presente⁵², o biógrafo estabelece o confronto entre boas e más acções do imperador – agrupadas sob a designação de *uitia* e *uirtutes* –, ou entre imperadores bons e maus, como se deduz da forma optimista como termina as *Vidas* (*Dom.* 23.2).

Como consequência do interesse pelas qualidades do carácter, a cronologia tem, para o biógrafo, um papel secundário. Suetónio serve-se dela sobretudo antes da ascensão ao Império e no relato da morte e como método útil para fazer resumos de acções ou acontecimentos que não considera de particular relevância para a caracterização do biografado.

⁵⁰ Cf. *Historia Augusta, Hadr.* 11.3.

⁵¹ Como testemunha o seu amigo Plínio, *Ep.* 1.18.1.

⁵² Vide GIUA, M. A. 1990: 535-538.

Na introdução às *Vidas*⁵³, encontraríamos, talvez, as linhas gerais do plano de trabalho; mas, no texto sobrevivente, há referências à organização que Suetónio pretende dar ao material recolhido das fontes. Na *Vida* de Augusto é explicitada a distinção entre relato cronológico e análise por rubricas (*per tempora* e *per species*):

*Proposita uitae eius uelut summa, partes singillatim neque per tempora sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint.*⁵⁴

«Apresentado que foi uma espécie de resumo da sua vida, vou agora prosseguir com os vários aspectos, um por um, não pela ordem cronológica, mas através de rubricas, para que se possa tornar mais evidente quer a exposição quer a compreensão».

Sugere-se que uma narrativa cronológica não permitiria uma tão límpida explanação e percepção do carácter do biografado (*distinctius demonstrari cognoscique*) e que só o método *per species* se adapta plenamente ao seu objecto de estudo, pois permite concentrar a informação sobre a pessoa do imperador. Através da *partitio* ou *diuisio*, Suetónio prepara o leitor para uma exposição de tipo erudito: apresenta-se um tema em cabeçalho que depois é ilustrado com os factos (acções ou palavras) que o comprovam.

Assim pode o biógrafo fazer o tratamento individualizado das qualidades de um imperador, como é o caso dos vícios de Tibério (*Tib.* 42.1)⁵⁵. A referência aos *uitia* é pretexto para introduzir uma série de *species* que irão ser analisadas *singillatim*. Quando as *species* se multiplicam é preciso seleccionar as que melhor sirvam de *exempla* para determinado aspecto: *Singillatim crudeliter facta eius exsequi longum est; genera, uelut exemplaria*

⁵³ Perdeu-se a de dicatória a Septício Claro (de que nos dá notícia João Lido, *de Mag.* 2.6), bem como os primeiros capítulos da *Vida* de César.

⁵⁴ *Aug.* 9.1. Cf. *Aug.* 61.1: *Quoniam qualis in imperis ac magistratibus regendaque per terrarum orbem pace belloque re p. fuerit, exposui, referam nunc interiorem ac familiarem eius uitam quibusque moribus atque fortuna domi et inter suos egerit a iuuenta usque ad supremum uitae diem.*

⁵⁵ ... *de quibus singillatim ab exordio referam.*

*saeuitiae, enumerare sat erit*⁵⁶ («Analisar, um por um, os seus actos de crueldade tornar-se-ia longo; será suficiente enumerar, a título de exemplo, os tipos de violências»).

Este método, explicitado na *Vida* de Augusto, já era claro na vida de César. Depois da “súmula ordenada” dos feitos — *ordo et summa rerum, quas deinceps gessit* (*Jul.* 34.1) —, feita através de uma narrativa veloz, adopta-se, mais à frente, outra forma de exposição (*Jul.* 44.4):

Talia agentem atque meditantem mors praeuenit. De qua prius quam dicam, ea quae ad formam et habitum et cultum et mores, nec minus quae ad ciuilia et bellica eius studia pertineant, non alienum erit summam exponere.

«Realizava e projectava ele tais acções quando a morte o surpreendeu. Antes de falar desta, não será inoportuno expor aqui, em traços gerais, o que à sua figura e ao vestuário e à apresentação e aos costumes e, não menos, o que às suas ocupações civis e militares disser respeito».

A partir daqui, o relato apresenta-se sistematizado por rubricas: predomina a descrição. É resumidamente que Suetónio apresenta os grandes acontecimentos que são o objecto tradicional da história com a qual o biógrafo não pretende competir: a guerra da Gália, apesar da sua importância na vida de César, vem condensada em um parágrafo⁵⁷. Mas é *singillatim* que se analisam as virtudes militares (*Jul.* 57-67), de modo a fundamentar as razões da devoção dos soldados (*Jul.* 68), e a autoridade do general (*Jul.* 69-70).

A abordagem ética dos acontecimentos acarreta, por vezes, o tratamento em conjunto de acontecimentos que sucederam em momentos diversos. Suetónio situa, por exemplo, o sonho de César, em que violava

⁵⁶ *Tib.* 61.2. Cf. *Cl.* 29. 1: *Ac ne singillatim minora quoque enumerem; e Cal.* 37.3: *Ac ne singula enumerem.*

⁵⁷ *Jul.* 25.1, ao passo que Plutarco, adoptando um método diferente, se alonga: *Caesar*, 18-27. Este tipo de informações poderia o leitor encontrá-las nos *Commentarii* de César. Já no que diz respeito a essas obras, Suetónio se mostra mais prolixo ao fazer o balanço das críticas (*Jul.* 56, 1-4), porque isso está dentro do objecto de estudo de um biógrafo erudito e autor de biografias literárias. Vide WALLACE-HADRILL, A. 1984: 10-15; CIZEK, E. 1977: 49-52; DELLA CORTE, F. 1967: 191-193; TOWNEND, G. B. 1967: 84-86; GRIMAL, P. 1986: 730; LOUNSBURY, R. C. 1987: 79-81.

a própria mãe (*Jul.7.2*), na mesma altura em que chora, junto à estátua de Alexandre em Gades (*Jul.7.1*), pelo facto não ter feito nada de grandioso, tendo a idade em que o macedónio já dominava o mundo — narrativas que, em Plutarco, figuram em momentos diferentes e sem ligação entre si⁵⁸. Junta-se num mesmo relato imperador os destinos das duas Júlias, a filha e a neta de Augusto, e ainda o de Agripa Póstumo, para acentuar a imagem de um pai infeliz, vítima da má Fortuna, que lhe frustrou a alegria e a esperança na descendência e na disciplina da sua casa⁵⁹.

Outras vezes, pelo contrário, separa-se informação que devia aparecer junta, para a apresentar no momento em que terá maior efeito na caracterização do biografado. Por exemplo, a perseguição de Nero aos cristãos é colocada na primeira parte da *Vida* (*Nero* 16.2), sem qualquer conexão com o incêndio de 64, cuja responsabilidade é totalmente imputada ao imperador⁶⁰. A narrativa da revolta do exército da Germânia é repartida entre a *Vida* de Galba (*Gal.* 16.2) e a de Vitélio (*Vit.* 8.1), pelo que se apresenta em cada *Vida* o que diz respeito ao biografado: no primeiro caso, a rejeição do imperador eleito na Hispânia; no segundo, a aclamação burlesca do imperador favorito deste exército. Separa-se a informação do favorecimento de Méteo Pompusiano, dotado de um horóscopo que lhe prognosticava o império, para que ele se lembrasse da mercê (*Ves.* 15), da que se refere à sua execução por ordem de Domiciano (*Dom.* 10.3)⁶¹: a primeira parte é usada para encarecer a *clementia* de Vespasiano e a segunda, para acentuar a *saeuitia* de Domiciano.

Quando necessário, inverte-se a ordem. A subordinação da cronologia à dimensão moral leva Suetónio a colocar a morte de Agripina antes da formação do trio amoroso que se gerou entre Nero, Popeia Sabina e Otão (*Otho* 3), para assim tornar o último cúmplice do matricídio⁶²: ao estabelecer a ligação de Otão aos crimes de Nero, Suetónio acentua, por

⁵⁸ Vide Plutarco, *Caes.* 11.5, e Díon Cássio, 37.52. Plutarco situa o sonho da violação da mãe (*Caes.* 32.9) no contexto da passagem do Rubicão.

⁵⁹ *Aug.* 65.1: *Sed laetum eum atque fidentem et subole et disciplina domus Fortuna destituit... Aug.* 65.2: *Aliquando autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit.*

⁶⁰ Tácito, *Ann.* 15.44.3-8, associa os dois acontecimentos.

⁶¹ Informações que já deviam circular em conjunto: assim as apresenta Díon Cássio, 67.12.2-4; vide GASCOU, J. 1984: 326-328.

⁶² Em Tácito, *Ann.* 14.1-2, a ligação de Nero com Popeia é anterior à morte de Agripina.

contraste, a espantosa mudança, pela qual este efémero imperador do ano 69 d. C. obteve, no final da vida, uma espécie de redenção moral e política (*Otho* 12.2)⁶³.

Com a cronologia relegada para segundo lugar ou sacrificada, mesmo os grandes acontecimentos históricos se tornam, muitas vezes, dependentes das *species* e são arrancados do seu contexto, para funcionarem apenas como *exempla*. Enquanto Tácito (*Ann.* 16.21ss) apresenta um relato minucioso das causas e circunstâncias da morte de Trásea Peto, Suetónio menciona-a apenas para ilustrar a crueldade gratuita de Nero e as mortes sob pretextos fúteis, retirando-a do contexto da oposição estóica⁶⁴. Para o biógrafo, o que está em causa não é explorar a conjuntura histórico-política — do máximo interesse para um historiador —, mas fazer uma abordagem ética⁶⁵: neste caso, demonstrar até onde ia a crueldade de Nero.

Por vezes, dentro das *species* existe uma cronologia relativa, o que implica, em termos narrativos, uma série de analepses para tratar os tópicos *ab initio*. Mas, como o *ethos* prevalece sobre o tempo, Suetónio segue de preferência a *gradatio* dos *exempla*, dos menos para os mais significativos, segundo o tema da rubrica em questão⁶⁶. Muitas vezes, sugere-se mesmo que uma progressão cronológica equivale à evolução do biografado no sentido dos vícios mais graves (no caso dos maus imperadores), ou em direcção às virtudes (no caso dos bons). O casamento farsesco de

⁶³ *per quae factum putem, ut mors eius minime congruens uitae maiore miraculo fuerit*. Tácito, *Hist.* 2.50.1, opõe a morte digna de Otão (*facinum egregium*) ao infame assassinio de Galba; Plutarco, *Oth.* 18.3, compara-o com Nero: não viveu mais “honestamente”, mas morreu mais “nobrememente”; Díon Cássio, 64.15.2, opõe a morte à impiedade e perversidade de Otão, uma morte óptima a uma vida péssima; Tácito, *Hist.* 2.50.1, diz que ele mereceu posteriormente uma fama tão boa como má; Plutarco, *Oth.* 18, diz que os que louvaram a morte não foram menos importantes nem menos numerosos do que os que censuraram a vida; Díon Cássio, 64.15.2, diz que a morte obscureceu a impiedade e perversidade. Só Suetónio fala de quase unanimidade (*magna pars hominum*) no póstumo louvor de Otão. Vide CIZEK, E. 1977: 130-132 ; GASCOU, J. 1984: 312, 776-777.

⁶⁴ *Nero* 37.1. Para Suetónio, Trásea Peto foi eliminado porque tinha *tristior et paedagogi uultus* — pormenor de natureza marginal que aponta para a tradicional descrição dos estóicos como *tristes*. Vide WARMINGTON, B. H. 1999: 70-71.

⁶⁵ Vide GASCOU, J 1984: 390-436.

⁶⁶ Vide CIZEK, E. 1977: 118-120.

Nero com o eunuco Esporo terá acontecido depois do casamento com Doríforo, em que o imperador fez de mulher, mas, como Suetónio, de acordo com a mentalidade romana, considera mais grave a prostituição da *puđicitia*, coloca no cúmulo da gradação o acto passivo, em que Nero chega a imitar os gemidos das virgens ao serem forçadas⁶⁷. No cúmulo das crueldades de Nero aparece o incêndio de 64 d.C., apesar de este principado ainda durar mais quatro anos (*Nero*, 38). Assim se cria uma cronologia fictícia, de acordo com os objectivos caracterológicos do biógrafo.

Na governação de Calígula (*Cal.* 22.1) e na de Nero (*Nero* 19.3), sugere-se uma mudança radical de comportamento. No entanto, a divisão da *Vida* de Calígula entre acções do *princeps* e acções do *monstrum* é mais o resultado da técnica biográfica do que um dado histórico ou uma evolução cronológica. Embora geralmente se aceite que houve uma mudança, a primeira parte da biografia inclui também acontecimentos que pertencem já a uma fase avançada do governo⁶⁸. Quanto a Nero, acontece que, por vezes, os mesmos factos são fraccionados para ilustrar a parte boa e a parte má, conforme são vistos por uma ou outra perspectiva⁶⁹.

⁶⁷ Crê-se que este Doríforo se identifique com o Pitágoras que figura no relato de Tácito, *Ann.* 15.37.4. O “casamento” com Doríforo / Pitágoras, em que Nero faz de mulher, terá ocorrido imediatamente antes do incêndio de 64. Ora o suposto “casamento” com Esporo situa-se entre a morte de Popeia, em 65, e a viagem de Nero à Grécia, em 66, em que o eunuco acompanha o imperador (*Nero* 28.1). Vide GALLIVAN, P. A. 1974: 309. Pensa-se que se trataria de interpretações hostis de rituais de iniciação: vide VERDIÈRE, R. 1975: 17-22; BRADLEY, K. R. 1978: 161-165; CIZEK, E. 1982: 41-42; MARTIN, R. 1991: 160 e 169-171.

⁶⁸ A construção da ponte de Baias (*Cal.* 19) data do ano 39; a recompensa de uma liberta, por não ter revelado o crime do seu patrono (16.4), data de 40; o concurso de eloquência, em Lugduno (*Cal.* 20), acontece dois anos depois da doença de Calígula (37 d. C.); ao passo que a morte de Antónia, narrada na segunda parte (*Cal.* 23.2), ocorre mais de quatro meses antes da referida doença, apontada como ponto de viragem por Filon, *Leg.* 13. Díon Cássio, 59.2.6-3.1, diz que a mudança ocorre em 38; Josefo, *AJ* 18.256, sustém que ocorre depois de dois anos de bom governo. Vide GUASTELLA, G. 1992: 18-19 e 156-157; com. HURLEY, D. W. 1993: 83 e n.41; WARDLE, D. 1994: 202.

⁶⁹ Vide GASCOU, J. 1984: 369-373.

Ao tratar a gradação da avareza de Tibério, Suetónio introduz, no grau mais elevado, a tendência para a rapina: *procedente mox in tempore etiam ad rapinas conuertit animum* (Tib. 49.1). Mas a ordem dos exemplos aduzidos não corresponde à evolução cronológica sugerida. Depois da narrativa de condenações arbitrárias e explorações⁷⁰, Suetónio apresenta, no cúmulo da gradação, a espoliação e morte de Vonones, rei dos Partos, refugiado, com grandes riquezas, em Antioquia (Tib. 49.2.), facto que, na realidade, é anterior aos outros⁷¹. O biógrafo coloca-o no cúmulo da gradação, devido ao escândalo: era um rei, estava como que sob a protecção dos Romanos (*quasi in fidem p. R.*) e foi objecto de *perfidia*.

De modo semelhante, ao sugerir uma evolução cronológica na governação de Domiciano, o biógrafo leva o leitor a pensar que as medidas positivas apresentadas acontecem na primeira fase do governo, mas tal não corresponde à verdade histórica. Com efeito, Suetónio situa nesta fase a punição da vestal Cornélia e seus cúmplices (Dom. 8.4), acontecimento que, na realidade teve lugar num momento adiantado deste principado⁷². Mais à frente, a gradação na *saeuitia* é datada por referência à guerra civil movida por Lúcio António: *Verum aliquanto post ciuilibus belli*

⁷⁰ Tibério terá forçado ao suicídio o abastado Gneu Léntulo, terá condenado Lépidia para agradar a Quirínio, homem rico e sem herdeiros e terá explorado particulares e cidades nas províncias.

⁷¹ Gneu Léntulo foi morto em 25 d. C. (cf. Tácito, *Ann.* 4.44.1) e Lépidia, descendente de Sula e Pompeio, foi condenada em 20 d. C. (cf. Tácito, *Ann.* 3.23.1). Segundo Tácito, *Ann.* 2.68, Vonones foi assassinado em 19 d. C., na fuga para a Arménia, por um *praefectus equitum*, e, para mais, sem responsabilidade de Tibério. Vide GASCOU, J. 1984: 408-410.

⁷² Segundo GALLI, F. 1991: 78, o suplício de Cornélia teria acontecido em 89. GRELE, F. 1980: 347, coloca este processo, com base na cronografia de Eusébio, em fins de 90 ou decurso de 91. GASCOU, J. 1984: 400, parece situá-lo um ano mais tarde e acentua que aconteceu na parte final do principado de Domiciano: no décimo primeiro dos quinze anos que durou este principado. Também a uma fase adiantada deste governo pertence uma medida louvada por Marcial no livro nono [9.5 (6); 9.7 (8)], publicado por volta de 94 ou 95: a repressão da prostituição dos meninos; vide GRELE, F. 1980: 347, n. 29. Suetónio não liga o acontecimento ao incesto de Domiciano com a sobrinha Júlia (como faz Plínio, *Ep.* 4.11), cuja morte, alegadamente, em consequência de um aborto forçado pelo imperador (Dom. 22), ocorreu pela mesma altura da execução de Cornélia: vide JONES, B. W. 1996: 78; JONES, B. & MILNS, R. 2002: 142-143.

uictoriam saeuior (Dom. 10.5) («Mas tornou-se muito mais cruel depois de sair vitorioso da guerra civil»). Suetónio sugere que este acontecimento sucede a uma série de execuções referidas antes (Dom. 10.1-4), mas a maior parte dessas mortes é certamente posterior⁷³.

Nos bons imperadores, as virtudes, ao aparecerem em último lugar, deixam prevalecer uma imagem positiva; nos imperadores maus, tende a ocorrer o efeito inverso: os piores vícios, exemplificados com acções e ditos que provocam horror, são deixados para o fim, de forma a provocarem uma imagem de repulsa. Assim, a estrutura das *Vidas* apresenta-se construída em *gradatio* ou clímax que culmina no momento da plenitude do biografado, isto é a morte, lugar da revelação derradeira do *ethos*.

Em suma, se o tempo da história é em grande parte determinado pelo destino, o tempo do discurso, na parte central das *Vidas*, obedece sobretudo à ilustração do carácter. Por um lado, a cronologia interna das *Vidas* é preterida a favor de uma análise do *ethos*, por outro, há uma preocupação com o enquadramento dos imperadores na história sagrada de Roma. O tempo de governação de cada um corresponde, no regime imperial, à unidade anteriormente constituída pelo ano republicano. Já os historiadores romanos, na linha dos registos dos pontífices, incluíam nos seus *annales* listas de sinais prodigiosos. Tal como o ano romano, a *Vida*

⁷³ A revolta de L. António Saturnino é datada de 89, pelo que é dos acontecimentos mais antigos. Se tomarmos como referência as datas adoptadas por GASCOU, J. 1984: 411-413 (e 691), Cívica Cerial morre por volta de 89; Salvidieno Órfito, por volta de 93; Acílio Glabrião, cônsul com Trajano em 91 (cf.

Díon 67.14.3), foi morto em 95; Élio Lâmia em 93 (ou em 85, segundo GALLI, F. 1991: 59); Métio Pomposiano, talvez em 91; a desgraça de Salústio Luculo é colocada entre 86 e 96 (ou entre 89 e 90, segundo GALLI); Júnio Rústico em 93; a expulsão dos filósofos de Itália poderá ter acontecido em 93 (vide GALLI, F. 1991: 82). Também a ordem daquelas execuções é alterada: a morte de Acílio Glabrião é narrada antes da de Métio Pomposiano, e esta antes da de Flávio Sabino (morto entre 82 e 89). O último aparece no fim da lista por ser parente do imperador e pela futilidade do pretexto: o erro do arauto que o saúda como *imperator* em vez de *consul*. Além disso, é suspeita a ligação da morte ao equívoco do *praeco*, uma vez que T. Flávio Sabino foi designado como colega de consulado de Domiciano para o ano de 82 e viveu o suficiente para ocupar o cargo. Existiria certamente a suspeita de adesão a uma conjura: cf. GALLI, F. 1991: 84; SOUTHERN, P. 1997: 43.

do imperador é pautada por presságios que assinalam os principais momentos. No entanto, em Suetónio, mais do que o favor ou desfavor dos deuses para com determinadas empresas em particular, os prodígios servem para apontar o curso inevitável da história⁷⁴: o advento ou a queda de um príncipe, mas também o tempo da dinastia, igualmente assinalado por indicações de carácter divinatório. O futuro é predeterminado e previsível, de acordo com determinados sinais. Mas, se a ascensão ao trono é um dom do *fatum*, como diz Tito (*Tit.* 9.1), a queda parece ser também, em grande parte, consequência da má actuação dos príncipes, como sugerem as *Vidas* de Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano⁷⁵. Neste sentido, a conduta do príncipe serve de justificação, no plano humano, para os desígnios indicados pelos presságios.

BIBLIOGRAFIA

- AILLOUD, H. (1931-1932), *Suétone. Vie des douze Césars*, texte établi et traduit par —, vol. I-III, Paris, Les Belles-Lettres [21989 (vol. I); 1993 (vol. II); 1980 (vol. III)].
- AMBROSIO, F. G. D' (1980), "End of the Flavians. The case for senatorial treason", *RIL* 232-241.
- ARNAUD, P. (1998), "Toi aussi, mon fils, tu mangeras ta part de notre pouvoir", *Latomus* 57 61-71.
- BRADLEY, K. R. (1978), *Suetonius' Life of Nero. An historical commentary*, Bruxelles, Latomus.
- BRIND'AMOUR, P. (1981), "Problèmes astrologiques et astronomiques soulevés par le récit de la mort de Domitien chez Suétone", *Phoenix* 35 338-344.
- CESA, M. (2000), *Svetonio. Vita di Vespasiano*, Bologna, Cappelli.
- CIZEK, E. (1977), *Structure et idéologie dans les Vies des douze Césars de Suétone*, Paris, Les Belles Lettres.
- (1982), *Néron*, Paris, Fayard.
- DELLA CORTE, F. (1967), *Svetonio eques Romanus*, Firenze, La Nuova Italia.

⁷⁴ O que, segundo WALLACE-HADRILL, A. 1984: 191-192, reflecte uma atitude diferente da republicana, expressa nos *annales*.

⁷⁵ Constatação que leva GASCOU, J. 1984: 797-798, a falar de uma justiça imanente.

- FLORY, M. B. (1988-1989), "Octavian and the omen of the *gallina alba*", *CJ* 84 343-356.
- GALLI, F. (1991), *Svetonio, Vita di Domiziano*, intr., trad. e comm. a cura di —, Roma, Ateneo.
- GALLIVAN, P. A. (1974), "Suetonius and chronology in the *De vita Neronis*", *Historia* 23 297-318.
- GASCOU, J. (1984), *Suétone historien*, Paris, De Boccard.
- GIUA, M. A. (1990), "Aspetti della biografia latina del primo impero", *RSI* 12 535-559.
- GRELLE, F. (1980), "La *correctio morum* nella legislazione flavia", *ANRW* II. 13 340-365.
- GRIMAL, P. (1986), "Suétone historien dans la *Vie d'Auguste*" in *Rome. La littérature et l'histoire* 2, Paris / Roma, École Française de Rome, II, 729-738.
- GUASTELLA, G. (1992), *Gaio Svetonio Tranquillo, La vita di Caligola*, (testo, trad. e comm.) a cura di —, Roma, La Nuova Italia Scientifica.
- HURLEY, D. W. (1993), *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*, Atlanta, Scholars Pr.
- IHM, M. (1908), *C Suetoni Tranquilli Opera*, I: *De vita Caesarum: libri VIII*, recensuit —, editio minor; Stuttgart et Lipsiae, Teubner [reimpr. 1993: editio stereotypa editionis prioris (1908)].
- JONES, B. & MILNS, R. (2002), *Suetonius: the Flavian emperors, a historical commentary*, London, Bristol Classical Press.
- JONES, B. W. (1996), *Suetonius. Domitian*, ed. with intr., com. and bibl. by —, London, Bristol Classical Press.
- LEVI, M. A. (1954), "La clemenza di Tito", *PP* 9 288-293.
- LEWIS, R. G. (1991), "Suetonius' *Caesares* and their literary antecedents", *ANRW* II, 33,5 3623-3674.
- LOUNSBURY, R. C. (1987), *The arts of Suetonius, an introduction*, New York / Bern / Frankfurt am Main / Paris, Lang.
- MARTIN, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres.
- MARTINET, H. C. (1981), *Suetonius Tranquillus, Divus Titus; Kommentar*, Königstein, Hain.
- SIMPSON, C. J. (1987), "The birth of Claudius and the date of dedication of the *altar Romae et Augusto* at Lyon", *Latomus* 46 586-592.
- SOUTHERN, P. (1997), *Domitian tragic tyrant*, London / New York, Routledge.

- TOWNEND, G. B. (1967), "Suetonius and his influence" in *Latin biography* ed. by DOREY, T. A., London, Routledge & Kegan Paul, 79-111.
- VERDIERE, R. (1975), "À verser au dossier sexuel de Néron", *PP* 30 5-22.
- VIGOURT, A. (1993), "Les présages impériaux et le temps dans le *De uita Caesarum* de Suétone", *Ktéma* 18 131-145.
- WALLACE-HADRILL, A. (1984), *Suetonius. The scholar and his Caesars*, New Haven (Conn.) Yale Univ. Pr.
- WARDLE, D. (1994), *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*, Bruxelles, Latomus.
- WARMINGTON, B. H. (?1999), *Suetonius Nero*, text, with intr. & notes by —, London, Bristol Classical Press.